



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

LUCIANA LUIZ DE SOUZA

ESTRESSE, SÍNDROME DE *BURNOUT* E DOCÊNCIA:
Uma revisão sistemática da produção acadêmico-científica brasileira

CAMPINA GRANDE – PB

2018

LUCIANA LUIZ DE SOUZA

ESTRESSE, SÍNDROME DE *BURNOUT* E DOCÊNCIA:

Uma revisão sistemática da produção acadêmico-científica brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação da Professora Dra. Aline Vieira de Lima Nunes.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Tereza Brasileiro
Silva, CCBS/UFCG**

S729f

Souza, Luciana Luiz de.

Estresse, Síndrome de Burnout e Docência: Uma revisão sistemática da produção acadêmico-científica brasileira / Luciana Luiz de Souza. – Campina Grande: o autor, 2018.

37 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientadora: Prof^a. Aline Vieira de Lima Nunes, Dr^a.

1. Saúde mental. 2.Trabalho docente. 3.Estresse. 4.Síndrome de Burnout. 5.Ensino superior. I Autor. II. Nunes, Aline Vieira de Lima. (Orientador). III. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2:616-008.42(813.3)

**Responsabilidade técnica - catalogação:
Jônatas Souza de Abreu, M Sc. CRB-4/1823**

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANA LUIZ DE SOUZA

ESTRESSE, SÍNDROME DE *BURNOUT* E DOCÊNCIA:

Uma revisão sistemática da produção acadêmico-científica brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB.

APROVADO EM: 06/12/2018

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Aline Vieira de Lima Nunes – UAPSI/UFCG
Orientadora



Profa. Dra. Roseane Christina da Nova Sá-Serafim– UAPSI/UFCG
Examinadora interna



Prof. Me. Eduardo Breno Nascimento Bezerra – UNINASSAU
Examinador externo

Aos meus pais e meus irmãos,

“meu tesouro tão sem fim.”

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido Deus, na sua infinita bondade e misericórdia, por me fortalecer a cada dia e me conduzir nesta jornada. A Ele toda honra e toda a glória.

Aos meus pais, Jerônimo e Dorinha, que me criaram com tanto esforço e, que mesmo diante das dificuldades, sempre me incentivaram a prosseguir. A minha mãe, por suas orações.

Aos meus irmãos, pelo apoio e por me inspirarem sempre. Em especial, ao meu irmão e coorientador, Lamunyel, pela paciência e disposição em auxiliar-me em todo o processo.

A minha querida amiga, Carla, por estar ao meu lado durante toda caminhada, compartilhando as dores e delícias da vida acadêmica, e por sua amizade que me ajudou a prosseguir.

A Jullyanna, Paloma, Josenith pelo apoio e amizade durante o curso. Aos demais colegas da Turma de Short.

A minha amiga, Ana Beatriz, pelo acolhimento, pela sua sensibilidade e escuta, por fazer-se presente mesmo a distância.

A minha amiga Amarillis, companheira de estágio e minha irmã na fé, pela sua amizade e por suas orações.

A Jefferson por interceder por mim, com suas orações, e pelas palavras de ânimo nos momentos de angústia, e por me lembrar que o Senhor é quem realiza todas as coisas.

A minha amiga Fernanda, pelas discussões enriquecedoras, pelas suas orações e sua amizade.

A professora Regina Azevedo, por me orientar durante o estágio específico, e aos demais docentes do curso de Psicologia da UFCG, por compartilharem seu conhecimento.

A minha orientadora, em especial, a profa. Aline Vieira de Lima Nunes, por aceitar o meu convite com alegria e sorriso aberto, e por me auxiliar neste processo.

A todos que me apoiaram e contribuíram direta ou indiretamente nesta caminhada.

“Todas as vitórias ocultam uma abdicação.”

Simone de Beauvoir

SOUZA, Luciana Luiz de. **Estresse, Síndrome de *Burnout* e Docência:** uma revisão sistemática da produção acadêmico-científica. 2018. 39 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Psicologia) – Unidade Acadêmica de Psicologia, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar os principais sintomas e/ou sinais de adoecimentos psíquicos/mental entre docentes de nível superior brasileiros, citados na produção acadêmico-científica dos últimos cinco anos (2013-2018) no Brasil. Realizou-se uma busca na base de dados ScIELO e LILACS utilizando os descritores em pares: “*burnout* AND docentes”, “*burnout* AND professores”, “estresse AND docentes” e “estresse AND professores”. A presente revisão sistemática possibilitou identificar que a sobrecarga laboral, a precarização das condições de trabalho e as relações socioprofissionais são os principais fatores geradores de adoecimento, estresse e esgotamento profissional no ambiente acadêmico. Conseqüentemente, esses fatores afetam as diferentes esferas da vida do trabalhador, os vínculos afetivos e sociais, limitando o tempo para o lazer e para o cuidado à saúde. Apesar do sofrimento presente no contexto de trabalho do docente universitário, viu-se que os profissionais conseguem vivenciar experiências de prazer e satisfação pelo trabalho. Ademais, espera-se que este estudo possa contribuir para o direcionamento de implementação de ações de prevenção e promoção saúde, e de estratégias de intervenção na saúde docente do ensino superior.

Palavras-chave: Saúde Mental. Trabalho docente. Estresse. Síndrome de *Burnout*. Ensino Superior.

SOUZA, Luciana Luiz de. **Stress, burnout syndrome and teaching work**: a systematic review of the brazilian academic-scientific production. 2018. 39 p. Undergraduate thesis (Bachelor's Degree in Psychology) – Unidade Acadêmica de Psicologia, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018.

ABSTRACT

The present study aimed to identify the main symptoms and / or signs of psychic / mental illness among Brazilian professor mentioned in the academic-scientific production of the last five years (2013-2018) in Brazil. A search was done in the ScIELO and LILACS database using the descriptors in pairs: "burnout AND professor", "burnout AND professor", "stress AND professor" and "stress AND professor". The present systematic review made it possible to identify that work overload, precariousness of work conditions and socio-professional relations are the main factors generating illness, stress and professional exhaustion in the academic environment. Consequently, these factors affect the different spheres of the worker's life, affective and social bonds, limiting leisure time and health care. Despite the suffering present in the work context of the university professor, it was seen that the professionals can experience experiences of pleasure and satisfaction for the work. In addition, it is expected that this study may contribute to the implementation of health prevention and promotion actions, and intervention strategies in teaching health in higher education.

Keywords: Mental health. Teaching work. Stress. Burnout syndrome. Higher education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Teorias do estresse	14
2.2 Síndrome de <i>Burnout</i>	15
2.3 O docente e a carreira universitária	17
3 OBJETIVOS	18
3.1 Geral	18
3.2 Específico.....	18
4 METODOLOGIA.....	19
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
5.1 Sobrecarga no trabalho docente.....	26
5.2 Precarização do trabalho docente.....	29
5.3 Relações socioprofissionais	30
5.4 Sintomas e/ou sinais de adoecimentos psíquicos/mentais	31
5.5 Estratégias de Enfrentamento	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O trabalho configura-se como um elemento constituinte na vida das pessoas. De acordo com a concepção marxista, a atividade laboral é a potencialidade de transformação da natureza para satisfazer as necessidades humanas (TOLFO; PICCININI, 2007). Mais do que um provedor material e financeiro, o labor lhe possibilita construção de identidade, inserção social e realização pessoal e profissional. Neste sentido, compreende-se que o trabalho atribui significado à vida do homem à medida que este transforma e é transformado pela natureza, numa busca pela satisfação de seus desejos e necessidades.

Para Heloani e Capitão (2003), o trabalho repercute diretamente sobre a subjetividade humana, funcionando como um regulador social importante. Deste modo, pode ser apontado que as produções laborais podem contribuir na manutenção ou não da saúde mental e das relações interpessoais do trabalhador dentro das organizações. Assim sendo, pensar na saúde física e emocional, na qualidade de vida e bem-estar do trabalhador torna-se um fator fundamental para se garantir condições mais adequadas de trabalho.

Por outro lado, o contexto laboral pode provocar impactos diretos sobre a vida desse sujeito, considerando que, em grande parte, o sofrimento mental do trabalhador pode ser consequência direta do modo como está estruturada essa organização, seja pela distribuição de trabalho, do conteúdo das atividades, do sistema hierárquico, das relações interpessoais e de poder (HELOANI; CAPITÃO, 2003). Isto significa que o trabalho pode incidir diretamente sobre o processo de adoecimento e sofrimento psíquico do trabalhador, resultando em prejuízos não somente físicos, como também emocionais e sociais.

Como bem assegura Dejours (1994, p. 22), o trabalho pode representar significados e consequências diferentes para cada trabalhador, o qual denominou de “paradoxo psíquico do trabalho”, afirmando que, para uns, é percebido como fonte de equilíbrio, para outros, é a causa de fadiga. Isto posto, pode-se compreender que o mesmo pode ser fonte de prazer, saúde e bem-estar, como também de sofrimento e adoecimento, visto que não somente a configuração do ambiente laboral em si pode ser nociva para a saúde mental, mas dependerá da capacidade que cada indivíduo apresenta para reorganizar a si mesmo.

Destarte, o sofrimento surge quando o trabalhador se tornou incapaz de transformar ou reconfigurar as formas de organização do trabalho, uma vez que essa relação do sujeito com a organização de trabalho é de ordem psíquica (DEJOURS, 1994). À vista disso, a abordagem proposta pelo autor francês, Dejours, enfatiza, segundo Jaques (2003), o estudo da normalidade

sobre a patologia, denominada de Psicodinâmica do Trabalho, tendo como objeto de estudo o sofrimento. Nesta perspectiva, como discorrem Giongo et al. (2015), saúde mental não consiste na ausência de sofrimento, mas na possibilidade de transformar essa realidade, utilizando-se de estratégias internas e externas para minimizar o sofrimento e manter-se em equilíbrio.

Por outro lado, as constantes transformações no ambiente laboral para atender às exigências econômicas, tecnológicas e filosóficas do modelo gerencial vigente têm repercutido sobre a saúde do trabalhador, acentuado o desgaste físico e emocional, com maior incidência de estresse. Segundo Maslach e Leiter (1999), as causas do desgaste físico e emocional do trabalhador são: excesso de trabalho, falta de autonomia, falta de reconhecimento pelo trabalho executado, falta de um bom relacionamento interpessoal, falta de equidade. Ademais, estes autores afirmam ainda que o problema do desgaste físico e emocional não é um problema do indivíduo e sim do ambiente social onde o trabalho é desenvolvido (GARCIA; BENEVIDES PEREIRA, 2003; HEINHOLD, 2004). Quando o ambiente organizacional prioriza os valores econômicos em detrimento dos humanos, pode acarretar prejuízos de ordem pessoal, relacional e organizacional.

Neste cenário, um dos problemas mais apontados pelas produções acadêmicas é o estresse. O efeito negativo do estresse sobre a saúde do trabalhador tem sido alvo de inúmeras pesquisas, uma vez que suas consequências comprometem a qualidade de vida do indivíduo, prejudica o seu desempenho nas atividades diárias e desencadeia problemas de saúde. Quando as exigências no trabalho não estão de acordo com os recursos, capacidade e necessidades do trabalhador, este pode sofrer reações de ordem física e/ou emocional, ou seja, pode apresentar o estresse ocupacional. De acordo com Carlotto (2002), como também para Garcia e Benevides-Pereira (2003), a cronificação desse estresse pode levar o trabalhador à Síndrome de *Burnout*. Para estas autoras, este tipo de adoecimento laboral ocorre devido a uma tentativa de enfrentamento ao estresse ocupacional, levando o trabalhador ao desgaste físico e emocional.

Ademais, algumas categorias têm sido indicadas na literatura com uma predominante incidência de estresse e da síndrome de *burnout* em profissionais da área da saúde, particularmente, médicos e enfermeiros. Outras categorias também são apontadas, como os professores, servidores públicos, estudantes, esportistas, bombeiros e policiais (CARDOSO et al 2017; CARLOTTO; CÂMARA, 2008). Para Garcia e Benevides Pereira (2003), os professores estão inclusos nesta categoria por estarem em contato contínuo e direto com outras pessoas. Os autores Maslach e Leiter (1999) apontam para profissões mais propensas ao *burnout* são aquelas ligadas a serviços, tratamento e educação (CARLOTTO, 2002). Neste

sentido, profissionais que estão em contato direto e contínuo com seu público estão mais propensos de serem acometidos pela forma crônica do estresse ocupacional, que a síndrome de *burnout*.

Segundo Carlotto (2002), a exposição prolongada aos estressores presentes no exercício da atividade docente pode acarretar a síndrome de *burnout*; dentre eles encontram-se diversos aspectos psicossociais relacionados à natureza da função ou à esfera institucional. Assim, analisar a atividade docente sob esse prisma é de grande relevância sobretudo porque o adoecimento dos docentes somente é diagnosticado quando se encontra no grau mais severo do *burnout*. Tal severidade, segundo Carlotto (2002), coloca esta categoria profissional no grupo de alto risco, superando até mesmo os profissionais da área de saúde. Em especial, se tratando de professores do ensino superior, além de se preocuparem com a função docente, precisam atender às demandas de produtividade impostas pelo modelo neoliberal.

É fato que nos últimos anos houve um crescimento no acesso ao ensino superior no Brasil¹ e conseqüentemente, aumentou o número de docentes, tanto na rede pública como na rede privada, para atender a essa demanda. Atrelado a isso, significa dizer que há um público maior de profissionais expostos aos fatores estressores presentes no ambiente acadêmico. Embora existam diversas pesquisas que apontem que os professores estão entre as categorias profissionais mais propensas ao *burnout*, as produções acadêmicas voltadas para o ambiente do ensino superior ainda são incipientes. Segundo Diehl e Marin (2016), sessenta por cento (60%) das pesquisas são voltadas para o ensino fundamental, seguidas por ensino médio, infantil, educação especial, e por último, ensino superior.

Deste modo, é relevante a realização de uma revisão sistemática de literatura objetivando identificar os principais sintomas e/ou sinais de adoecimentos psíquicos/mental entre docentes de nível superior brasileiros, principalmente no que diz respeito ao estresse ocupacional e síndrome de *burnout*. É importante também por destacar a necessidade de compreender o trabalho docente no campo da saúde mental e dar visibilidade aos problemas relacionados a essa categoria profissional como forma de contribuir para estudos que direcionem a implementação ações de prevenção e promoção saúde, e de estratégias de intervenção na saúde docente do ensino superior.

¹ Conforme o Censo, o número de docentes em exercício aumentou 28,48% em dez anos (2006 a 2015). De 302.006 em 2006 a 388.004 em 2015.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Teorias do estresse

O termo estresse advém do inglês *stress* cujo significado consiste em “um conjunto de reações do organismo a agressões de origens diversas, capazes de perturbar-lhe o equilíbrio interno”, conforme o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, p.298, 2001). A palavra estresse, derivada do latim *stringere*, foi empregada pela primeira vez no século XVII para descrever aflição, opressão sofrimento e adversidade (REINHOLD, 2004). De acordo com Jaques (2003), o termo vem sendo amplamente utilizado por diversas áreas e popularizou-se no âmbito da medicina no início do século XX.

O conceito de estresse foi empregado primeiramente no meio científico pelo trabalho proposto por Selye em 1936, para designar as necessidades de adaptação ou ajustamento do organismo frente às pressões e tensões do cotidiano (CODO; SORATTO; VASQUES-MENEZES, 2004). Em 1956, Selye propôs um modelo trifásico de evolução do estresse, o qual denominou de Síndrome de Adaptação Geral (SAG). Este processo abrange três fases sucessivas: 1) **fase de alerta**: organismo se depara com o estressor e se prepara para luta ou fuga; 2) **fase de resistência**: em que organismo se esforça para manter o equilíbrio diante da persistência do agente estressor; e 3) **fase de exaustão** quando o organismo perde a capacidade de lidar com o agente estressor. Lipp (2000) ao elaborar instrumentos clínicos para a mensuração do estresse identificou uma quarta fase denominada por ela de **quase-exaustão**, situada entre as fases de resistência e exaustão. Nesta fase, “o organismo começa então a se desorganizar emocionalmente e as vulnerabilidades biológicas são ativadas” (LIPP; MALAGRIS, 2011, p. 621). Ainda que em menor intensidade que a fase de exaustão, esta fase permite o surgimento de doenças.

Quanto à sua tipologia, a manifestação do estresse pode ocorrer de forma positiva, chamada de **eustresse** ou **estresse da vitória**; ou negativa, o **distresse** ou **estresse da derrota**. De acordo com Pereira & Zille (2010), embora essas duas reações ocorram fisiologicamente iguais, estes termos são empregados para distinguir as consequências não fisiológicas - negativas e positivas - no indivíduo. Assim sendo, o eustresse é considerado o estresse da superação eficaz dos desafios, realização e prazer. Ainda, sobre tipologia, o estresse pode classificar-se em: **estresse de sobrecarga**, quando a estrutura psíquica do indivíduo não suporta as demandas psíquicas do meio por um tempo prologado; **estresse de monotonia**, situação onde

o indivíduo sujeita-se a um nível de exigência inferior às suas demandas psíquicas (PEREIRA; ZILLE, 2010).

Em virtude do crescente interesse dos estudos da relação do estresse no trabalho, o termo estresse ocupacional tem sido utilizado para representar o estresse decorrente das situações de trabalho. De acordo com Paschoal e Tamayo (2004, p. 46), o estudo de estresse ocupacional classifica-se de acordo com 3 aspectos: baseado “nos estressores organizacionais, nas respostas do indivíduo a esses estressores ou nas diversas variáveis presentes no processo estressor-resposta”. Os estressores organizacionais podem ser de natureza física (barulho, ventilação e iluminação do local de trabalho) ou psicossociais (relacionamento interpessoal, autonomia, desenvolvimento de carreira).

Quanto à definição do estresse ocupacional a partir do enfoque dos estressores organizacionais, os estudos podem ser classificados em dois grupos: os de estresse ocupacional, em que os estímulos estressores estão relacionados diretamente ao ambiente organizacional; e de estresse em geral, os estressores na vida do indivíduo. No entanto, Lazarus (1995) e Lazarus e Folkman (1984) tecem críticas quanto ao caráter objetivo da presença de elementos estressores no ambiente laboral, uma vez que, para estes autores, os componentes cognitivos têm papel fundamental na percepção e interpretação desses estímulos estressores (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). Isto significa que não é a simples presença de elementos estressores que irá caracterizar a situação como estressora, mas como um processo pelo qual o indivíduo percebe as demandas do ambiente de trabalho como estressoras. Ademais, Lazarus e Folkman (1984) acrescentam o conceito de *coping* para se referirem às habilidades de enfrentamento, um conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas diante do estressor (JACQUES, 2003).

Embora o estresse atualmente seja amplamente reconhecido, trata-se de um fenômeno complexo quanto a sua causa, sintomas e efeito. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) reconhece o estresse não como uma doença, mas como um problema que pode gerar um alto custo à saúde do trabalhador, absenteísmo e menor desempenho laboral, e na sua mais severa condição, pode ocasionar a Síndrome de *Burnout*.

2.2 Síndrome de *Burnout*

O termo *burnout* vem do inglês e traduzido mais diretamente significa “**perder o fogo**”, “**perder a energia**”, “**queimar para fora**” (CODD; VASQUES-MENEZES, 1999). Por sua

vez, essa expressão inglesa foi utilizada, conforme Garcia e Benevides-Pereira (2003), para designar aquilo que parou de funcionar devido à exaustão de energia, também denominada na literatura de esgotamento profissional ou desgaste profissional. Inicialmente, essa terminologia foi empregada por Schwartz e Will (1953) no estudo de caso com uma enfermeira desiludida com seu trabalho. Outro caso semelhante foi relatado por Greene (1960) em que um arquiteto abandonou a profissão por sentir-se desiludido com seu ofício.

Apesar de esse termo ter sido aplicado em alguns casos nas décadas de 1950 e 1960, o médico psicanalista Hebert Freudenberger (1974) foi o responsável por popularizar a expressão *staff burn-out* em suas publicações. No início da década de 1970, um estudo foi realizado com profissionais de uma clínica para dependentes químicos, uma vez que foram observados alguns sintomas nestes trabalhadores como exaustão, perda de interesse por seus pacientes, falta de motivação, sentimento de fracasso, entre outros. Segundo Codo e Vasques-Menezes (1999), *burnout* foi utilizado como uma metáfora para representar o sentimento desses profissionais. Freudenberger (1974) caracterizou este fenômeno como um sentimento de fracasso e exaustão provocado por um desgaste de energia, incluindo comportamentos de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimento, sobrecarga de trabalho rigidez e inflexibilidade (CARLOTTO; CÂMARA, 2008).

Maslach (1981) observou que pessoas acometidas da síndrome de *burnout* apresentavam comportamentos negativos e isolamento. Ela descreveu esta síndrome em três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional. A exaustão emocional é caracterizada pelo esgotamento tanto físico quanto psíquico. Por sua vez, a despersonalização, o profissional manifesta uma atitude negativa em relação às pessoas. Outra dimensão é a baixa realização pessoal, situação em que o trabalhador não se sente realizado profissionalmente.

Já Carlotto (2002) caracteriza a síndrome de *burnout* como um tipo de estresse ocupacional que acomete predominantemente os profissionais que estão constantemente em contato direto e contínuo com sua clientela, como profissionais da saúde e professores. Ao passo que, para Garcia e Benevides Pereira (2003), o esgotamento profissional ocorre diante de uma tentativa de enfrentamento ao estresse. O trabalhador por estar em contato contínuo com os elementos estressores pode não se dar conta de que está adoecendo, uma vez que, conforme pontua França (1987), o surgimento do *burnout* é silencioso, cumulativo e progressivo. Na concepção de Farber (1991), as causas do desgaste originam-se da combinação de fatores individuais, organizacionais e sociais.

2.3 O docente e a carreira universitária

Nos últimos anos houve um crescimento significativo no número de cursos superiores no Brasil, diante das políticas de acesso ao ensino superior e privado. De acordo com o Censo (2018), 8,2% das instituições públicas e privadas são classificadas como universidades; 6,3% são centros universitários, 83,8% faculdades e 1,7% são Institutos Federais e Centro Federal de Educação Tecnológica, ofertando cursos em nível de graduação (bacharelado, licenciatura e tecnológico) e pós-graduação.

A literatura aponta que a universidade brasileira tem passado por profundas transformações em decorrência do modelo gerencial pautado no produtivismo, em consequência do mercado econômico mundial e da incorporação de novas tecnologias (BOSI, 2007; MANCEBO, 2007). De acordo com Vilela, Garcia e Vieira (2013), tais mudanças geraram grande impacto em universidades públicas, uma vez que as instituições assumem pressupostos neoliberais, no sentido que o docente é interpelado pela intensificação da carga de trabalho.

Para Chauí (2003), a nova organização do trabalho nas universidades tornou-se operacional, deixando de lado o caráter essencial da docência. Para a autora, as instituições seguem o imperativo da produtividade, regidas por programas de eficácia e qualidade. Por sua vez, Souza et al (2017) pontuam que o modelo capitalista coloca tanto o conhecimento quanto a educação como bens econômicos. Para os autores, a universidade por ser o *locus* da produção do conhecimento, da tecnologia e da inovação é impactada por essa exigência capitalista, resultando na exigência de publicações científicas.

Esse novo modelo gerencial, principalmente adotado pelas universidades públicas, impôs uma massificação e rotinização das atividades, sobrecarregando o trabalho docente (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013). Essa configuração da instituição pública reflete diretamente na forma de organização de trabalho do professor, e consequentemente, a intensificação laboral e o imperativo de produtividade repercutirão sobre a saúde física e mental dos professores universitários (MANCEBO, 2007; VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013).

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Identificar os principais sintomas e/ou sinais de adoecimentos psíquicos/mental entre docentes de nível superior, citados na produção acadêmico-científica dos últimos cinco anos (2013-2018) no Brasil.

3.2 Específico

Verificar fatores psicossociais preponderantes no estresse ocupacional e síndrome de *burnout* em docentes universitários brasileiros.

4 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática, que, segundo Sampaio e Mancini (2007), é uma forma de pesquisa retrospectiva e secundária, que tem como fonte de dados a produção acadêmico-científica sobre determinado tema. Por meio da aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação e síntese da informação selecionada, este tipo de investigação resulta em um resumo de evidências, sendo útil tanto para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, quanto para identificar temas que necessitam de evidência, fornecendo orientação para pesquisas futuras.

Para realizar esta revisão, tomou-se como referência as diretrizes dos modelos propostos por Sampaio e Mancini (2007) e do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses* - PRISMA (MOHER et al., 2009), os quais especificam os procedimentos de identificação, triagem, seleção, análise e síntese da literatura a ser sistematicamente revisada.

Partindo do problema do estudo, definiu-se como população-alvo da pesquisa os docentes do magistério superior, sejam eles professores do nível de graduação e/ou pós-graduação de instituições públicas e/ou privadas brasileiras. Tendo em vista o recorte teórico deste trabalho, estabeleceu-se como objetivo a identificação de sinais e sintomas de adoecimento mental nestes profissionais, relatados em trabalhos científicos sobre estresse ocupacional e síndrome de *burnout*.

Para mapear a literatura acerca das temáticas especificadas acima, optou-se por utilizar duas bases de dados eletrônicas, o SciELO (Scientific Electronic Library Online) e o LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), sendo escolhidas por abranger os principais periódicos sobre a temática deste estudo, pela acessibilidade de pesquisas científicas de produção nacional e pela disponibilidade e gratuidade dos textos na íntegra para a sua posterior revisão e sistematização.

O levantamento dos trabalhos nas referidas bases de dados foi feito em novembro de 2018 por meio de 4 (quatro) descritores em pares e operadores booleanos, os quais foram definidos a partir da revisão da literatura que fundamenta este trabalho e dos objetivos que o motivam, a saber: “burnout AND docentes”, “burnout AND professores”, “estresse AND docentes” e “estresse AND professores”.

É relevante destacar que cada uma das bases possui especificidades no que tange às

ferramentas de busca das publicações. Para aperfeiçoar o mapeamento e reduzir as assimetrias entre os resultados da SciELO e da LILACS, optou-se por levantar os títulos utilizando os filtros² disponíveis nas próprias plataformas, respeitando as particularidades de cada uma, de modo a obter: a) somente artigos científicos; b) produções armazenadas em periódicos e coleções nacionais; c) trabalhos escritos em língua portuguesa; e d) textos disponíveis na íntegra e gratuitamente.

Após as pesquisas nas plataformas, os dados encontrados foram exportados e organizados em planilhas do Microsoft® Excel®, o que possibilitou identificar e eliminar os artigos redundantes, descartando-se, então, as publicações repetidas. Em seguida, realizou-se a análise das referências publicadas no último decênio (2009 a 2018)³ por meio da leitura preliminar de seus títulos e resumos, apreendendo de cada obra: a) ano; b) periódico; c) objetivo do estudo; d) delineamento, abordagem e instrumentos da pesquisa; e) resultados e conclusões; f) nível de ensino e natureza da instituição estudada; g) local onde a pesquisa foi realizada; h) autoria; e, i) área de atuação dos pesquisadores⁴. Isto feito, eliminou-se todas as publicações deste intervalo de tempo que foram realizadas com docentes de outros níveis de ensino que não o superior (educação especial, infantil, fundamental, médio, supletivo e/ou técnico) ou com outros profissionais que não somente professores.

Diante deste recorte temporal, optou-se por verificar os artigos publicados nos últimos cinco anos (2013 a 2018) por serem publicações mais recentes. Desta forma, os trabalhos lançados neste período foram avaliados conforme 6 (seis) critérios de inclusão: a) estar disponível na íntegra e gratuitamente; b) ter sido escrito em língua portuguesa; c) ter sido publicado entre os anos de 2013 e 2018; d) ter exclusivamente como sujeitos de pesquisa os docentes do magistério superior de instituições públicas e/ou privadas, da graduação e/ou pós-graduação, excluindo-se os trabalhos realizados com professores dos níveis infantil, fundamental, médio, supletivo, técnico e educação especial, ou mistos; e) ser um estudo empírico, excluindo-se da amostra todos os artigos de revisão teórica ou sistemática; e, f) ter como foco a investigação da saúde mental do trabalhador docente, desconsiderando-se aqueles

² Propositamente, nesta etapa da pesquisa não foi utilizado o filtro para o ano de publicação; optou-se por adotar o recorte temporal como um dos critérios de inclusão, no intuito de garantir o acesso a um número significativo de títulos que pudessem satisfazer os objetivos do estudo.

³ A pesquisa nas bases de dados retornou títulos publicados nos últimos 20 anos (1999 a 2018). Todavia, diante do volume de trabalhos encontrados sobre estresse e burnout em docentes neste intervalo de tempo, apreciou-se somente aqueles que foram publicados nos últimos dez anos (2009 a 2018).

⁴ Categorizadas conforme os dados disponibilizados pelo pesquisador na Plataforma Lattes do CNPq.

que abordam apenas os aspectos de saúde física.

Os artigos que se enquadraram em todos os critérios de inclusão foram revisados por meio de uma leitura exploratória do texto completo e com a finalidade de analisar possibilidades de temáticas que contribuíssem para a revisão sistemática.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do levantamento nas duas bases de dados, foram identificados 445 títulos, sendo 329 obras na LILACS e 116 publicações na SciELO. Após a exclusão dos artigos duplicados entre os diferentes descritores e/ou plataformas, obteve-se a relevância de 175 artigos (39,33% do montante encontrado na busca inicial) sobre estresse ocupacional e síndrome de *burnout* em professores de diferentes níveis de ensino, publicados nos últimos 20 anos (1999 a 2018). A Figura 1 apresenta uma síntese destes resultados.

Figura 1 - Resultado obtidos na fase de identificação

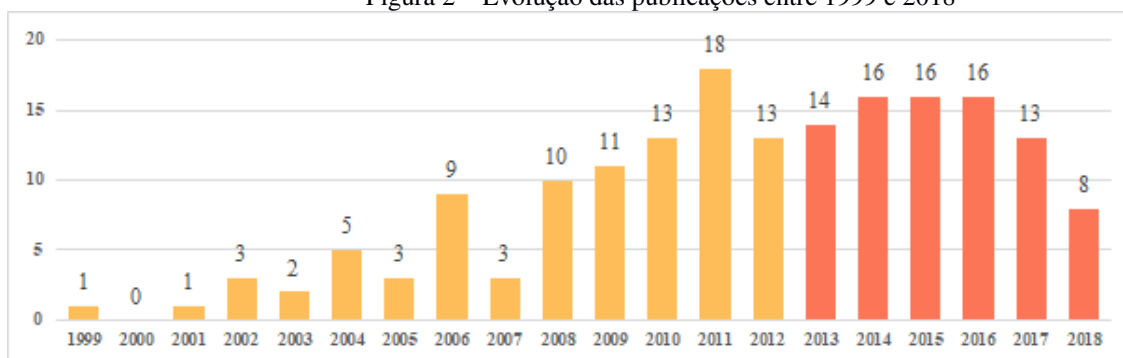
BASE DE DADOS	Burnout AND Docentes	Burnout AND Professores	Estresse AND Docentes	Estresse AND Professores	Total com repetições	Total sem repetições
SciELO	16	35	24	41	116	74
LILACS	66	82	83	98	329	160
TOTAL					445	175

Fonte - Autoria própria (2018)

Na triagem inicial, optou-se por analisar somente a produção científica de modo regressivo, verificando desde as obras mais recentes às mais antigas, no intuito de identificar um contingente mais recente para a revisão. Deste modo, foram eliminados 92 artigos publicados entre os anos de 1999 e 2012. Assim, foram apreciados 83 artigos por meio da leitura de seus respectivos títulos e resumos, sendo excluídos deste montante 60 artigos que foram realizados com docentes de outros níveis de ensino (educação especial, infantil, fundamental, médio, supletivo e técnico) ou com outros sujeitos que não eram exclusivamente professores.

Ao analisar a evolução histórica das publicações do recorte teórico deste trabalho, observou-se que o volume de publicações entre 2013 e 2018 vinha mantendo-se estável, com uma redução considerável no corrente ano, se comparado a 2017. O processo de evolução é ilustrado na Figura 2:

Figura 2 – Evolução das publicações entre 1999 e 2018



Fonte - Autoria própria (2018)

Dos 60 artigos que foram eliminados por não abrangerem as temáticas centrais desta revisão, restaram 23 artigos sobre o ensino superior. Dentre estes, correspondentes aos anos de 2013 e 2018, foram selecionados 14 títulos, os quais se enquadraram em todos os critérios de inclusão. Os outros 09 trabalhos foram eliminados por: a) não ser empírico (n=1); b) ter sido realizado com professores universitários de outros países (n=1); c) ter como propósito a construção de um método (n=1); d) não ter como foco a saúde mental dos docentes, mas sim os aspectos físicos (n=2); e) investigar outros sujeitos, junto de professores (n=2); f) abordar outros aspectos organizacionais que não o adoecimento mental dos docentes quanto ao estresse e ao esgotamento profissional (n=2).

Deste modo, as publicações acadêmico-científicas que se enquadraram em todos os critérios de inclusão encontram-se organizadas em um quadro (Figura 3), conforme apresentado abaixo, contendo o título, autores, ano, objetivos e resultados.

Figura 3 – Quadro das publicações entre 2013 e 2018

Título/Autores/Ano	Objetivo	Resultados
1. Vivências de prazer sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública Vilela, Garcia e Vieira (2013) REAd. Revista Eletrônica de Administração	Analisar as percepções dos professores do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior pública em relação ao prazer-sofrimento no trabalho docente, amparado na teoria da Psicodinâmica do Trabalho	Os resultados indicaram que as vivências de prazer são predominantes e estão relacionadas ao orgulho e à identificação com o trabalho. As vivências de sofrimento ocorrem de forma moderada e estão relacionadas ao esgotamento, à sobrecarga de trabalho e ao estresse, além de sentimento de indignação e desvalorização.
2. Estresse percebido, comportamentos relacionados à saúde e condições de trabalho de professores universitários Camargo et al. (2013) Psicologia Argumento	Analisar a relação entre a percepção de estresse com comportamentos relacionados à saúde e condições de trabalho dos professores universitários	Os resultados sinalizaram uma percepção elevada de estresse e correlacionada com os comportamentos de risco. Quanto às variáveis com maior capacidade preditiva para o estresse, os resultados apontam que

		mulheres, indivíduos inativos e com menor satisfação com o trabalho apresentam maiores escores de estresse percebido.
<p>3. Estresse em docentes universitários da saúde: situações geradoras, sintomas e estratégias de enfrentamento</p> <p>Sanches e Santos (2013) Psicologia Argumento</p>	<p>Analisar as situações geradoras do estresse ocupacional, os sintomas e as estratégias de enfrentamento em docentes universitários da área da saúde, em uma instituição de Ensino Superior</p>	<p>Percebeu-se que as situações geradoras de estresse foram: lidar com alunos despreparados; sobrecarga de trabalho; contexto da universidade; preocupação do docente com a aprendizagem do aluno e prazos institucionais.</p>
<p>4. Análise do nível de estresse e dos fatores de risco de doença cardiovascular em professores da universidade federal do Piauí – campus Parnaíba</p> <p>Gouveia, Alves e Costa (2013) Revista Baiana de Saúde Pública</p>	<p>Analisar o nível de estresse e a prevalência de fatores de risco de doenças cardiovasculares em professores da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Ministro Reis Velloso (Parnaíba)</p>	<p>Apenas 21,6% dos pesquisados foram classificados na fase 2 (resistência) do teste de Lipp, enquanto 68,6% dos professores não se enquadravam em nenhuma fase. Embora seja um resultado aquém do que se esperava, ele já aponta para um certo grau de estresse, o que deve ser analisado e tratado com cuidado e responsabilidade.</p>
<p>5. Prevalência da síndrome de burnout em uma amostra de professores universitários brasileiros</p> <p>Costa et al. (2013) Psicologia: Reflexão e Crítica</p>	<p>Investigar a prevalência da síndrome de burnout em 169 professores universitários da cidade de Piracicaba-SP, por meio do Questionário de Avaliação para a Síndrome de Burnout (CESQT versão brasileira)</p>	<p>Prevalência da síndrome de burnout neste estudo mostrou-se ser semelhante à encontrada na literatura.</p>
<p>6. Prazer e sofrimento docente em uma instituição de ensino superior privada em Minas Gerais</p> <p>Martins e Honório (2014) Organizações & Sociedade</p>	<p>Analisar a percepção de docentes de uma Instituição de Ensino Superior privada de Belo Horizonte sobre a vivência de prazer e sofrimento no trabalho</p>	<p>Os dados quantitativos indicaram que a maioria dos resultados variou de “críticos” a “graves”. Enquanto a realização profissional foi o fator de prazer no trabalho mais relevante, o esgotamento profissional destacou-se como o fator mais crítico de sofrimento no trabalho.</p>
<p>7. Transtorno mental e estressores no trabalho entre professores universitários da área da saúde</p> <p>Ferreira et al. (2015) Trabalho, Educação e Saúde</p>	<p>Investigar a associação entre transtornos mentais comuns e estressores no trabalho entre professores de nove cursos da área da saúde de uma universidade particular em Minas Gerais</p>	<p>Observaram-se transtornos mentais comuns em 19,5% dos professores. A prevalência desses transtornos foi maior entre professores com maior esforço no trabalho (RP= 1,8; IC95%= 1,01-3,46) e menor naqueles com maior qualidade de vida no domínio físico (RP= 0,95, IC95%= 0,93-0,97).</p>
<p>8. As transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso?</p> <p>Ruza e Silva (2016) Revista Subjetividades</p>	<p>Analisar as relações entre o trabalho e a subjetividade do professor de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho</p>	<p>A análise dos dados da universidade pesquisada e do questionário evidenciam: intensificação do trabalho; desgaste frente às exigências de rotinização das tarefas; e significativo número de referências ao estresse e/ou adoecimento.</p>

<p>9. Estresse no cotidiano universitário: estratégias de enfrentamento de docentes da saúde Araújo et al. (2016) Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental</p>	<p>Investigar as estratégias de enfrentamento ao estresse desenvolvidas pelos professores do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.</p>	<p>Percebeu-se que os docentes identificaram situações estressantes relacionadas ao trabalho e elencaram atividades de lazer para redução das tensões, que, no entanto, não realizam.</p>
<p>10. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado Dalagasperina e Monteiro (2016) Revista Subjetividades</p>	<p>Identificar os fatores de estresse laboral de professores universitários do ensino privado e analisar as possíveis repercussões na saúde.</p>	<p>As autoras destacam como principais fatores de estresse nos docentes investigados: sobrecarga de trabalho e cobranças e dificuldades de relacionamento com chefia e alunos, o que prejudica a saúde desses profissionais.</p>
<p>11. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior Hoffmann et al. (2017) Estudos Avançados</p>	<p>Investigar a tríade trabalho, saúde, doença no contexto da docência do magistério superior</p>	<p>Destaca-se a identificação de sobrecarga cognitiva em nível grave para as mulheres (58%) em relação aos homens, com avaliação em nível crítico (50%), além de maior esgotamento profissional enfrentado por elas, com avaliação em nível crítico (44%).</p>
<p>12. Organização do trabalho, prazer e sofrimento de docentes públicos federais Amaral, Borges e Juiz (2017) Cadernos de Psicologia Social do Trabalho</p>	<p>Compreender a relação entre organização do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento de docentes de um campus de interior de uma universidade federal a partir da análise psicodinâmica do trabalho</p>	<p>Constatou-se demonstração de prazer no trabalho por meio de atividades de ensino e pesquisa e do relacionamento com os alunos. As vivências de sofrimento referem-se às situações de conflitos interpessoais e à falta de infraestrutura e sobrecarga no trabalho.</p>
<p>13. Avaliação da síndrome de burnout em professores universitários Prado et al. (2017) Revista da ABENO</p>	<p>Avaliar a síndrome de <i>burnout</i> entre os professores da graduação dos cursos da área da saúde</p>	<p>Dentre as dimensões da síndrome de burnout, a de maior destaque foi a exaustão emocional.</p>
<p>14. Trabalho docente de enfermagem e as repercussões no processo saúde-doença D'Oliveira et al. (2018) Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental</p>	<p>Identificar as facilidades e as dificuldades presentes no trabalho docente de enfermagem; e analisar as repercussões do contexto de trabalho do docente de enfermagem no processo saúde-doença destes trabalhadores.</p>	<p>Evidenciaram-se repercussões negativas na saúde dos docentes pesquisados, expressadas na dimensão subjetiva por meio de estresse, cansaço e sobrecarga emocional; e na dimensão social, refletido na perda do tempo de lazer e de convívio com a família e a invasão do tempo de descanso do trabalhador a fim de atender as expectativas da organização laboral.</p>

Fonte - Autoria própria (2018)

Dentre a amostra, encontram-se dois artigos que abordam a síndrome de *burnout*, os quais, de modo geral, buscaram investigar a prevalência desta patologia entre os professores universitários de instituições públicas e privadas. Em seguida, destacam-se 06 estudos sobre estresse ocupacional, os quais objetivaram, analisar o nível de estresse entre os docentes, identificar os fatores que o influenciam. As pesquisas também retornaram em 06 títulos com

enfoque na psicodinâmica do trabalho. Apesar de apresentarem abordagens teórico-metodológicas diferentes, as publicações trouxeram contribuições pertinentes em relação à temática deste estudo.

Por conseguinte, foram identificadas dentre as leituras dos artigos selecionados as seguintes categorias, que serão discutidas a seguir, dispostas na Figura 4: sobrecarga no trabalho docente; precarização do trabalho docente; relações socioprofissionais; sintomas e/ou sinais de adoecimentos psíquicos/mental; estratégias de enfrentamento.

Figura 4 – Quadro de categorias encontradas

Categorias	Subcategorias	Consequências
Sobrecarga no trabalho docente	<ul style="list-style-type: none"> – Atividades burocráticas – Funções administrativas – Ensino, pesquisa e extensão – Publicações Acadêmico-Científicas 	<ul style="list-style-type: none"> – Acúmulo de funções – Encurtamento de tempo para o lazer – Pouco tempo para cuidar da saúde – Fragilização dos vínculos afetivos e familiares
Precarização do trabalho docente	<ul style="list-style-type: none"> – Falta de recursos e de materiais – Más condições do ambiente – Falta de organização sindical – Fragilidade de vínculo empregatício – Autonomia limitada – Pressões institucionais 	<ul style="list-style-type: none"> – Comprometimento da qualidade do trabalho docente – Insegurança – Insatisfação
Relações socioprofissionais	<ul style="list-style-type: none"> – Alunos – Docentes – Chefias 	<ul style="list-style-type: none"> – Conflitos interpessoais – Competição
Sintomas e/ou sinais de adoecimento	<ul style="list-style-type: none"> – Físicos – Psicológicos 	<ul style="list-style-type: none"> – Dores nas pernas, dores de cabeça, distúrbios do sono, cansaço excessivo – Transtornos mentais comuns, esgotamento profissional, estresse, ansiedade, cefaleia, tensão muscular, alterações no humor, sensação de desgaste físico, irritabilidade, sensibilidade emotiva excessiva e diminuição da libido.
Estratégias de enfrentamento	<ul style="list-style-type: none"> – Atividades culturais, religiosas, prática de exercício, relaxamento e a presença da família como forma de superar o estresse. – Estratégias de <i>coping</i> 	

Fonte - Autoria própria (2018)

5.1 Sobrecarga no trabalho docente

Dentre as dimensões responsáveis pelo adoecimento e desgaste profissional dos docentes do ensino superior, a intensificação laboral e a sobrecarga circundam como principais agravantes diante das exigências de produtividade impostas pela academia. No estudo de Ruza

e Silva (2016) realizado com professores que atuam em dois programas de pós-graduação na área de Ciências Humanas em uma instituição pública, identificaram que 72,2% do corpo docente considera seu trabalho intensificado. Além das atividades do magistério superior, o professor realiza atividades administrativas e burocráticas, desdobra-se na participação de comissões e reuniões colegiadas, além das atividades de programas de pesquisa e extensão. Para os autores, acúmulo de atividades e elevada carga de trabalho incorrem em elevação do ritmo das atividades e alongamento da rotina de trabalho, comprometendo a qualidade da execução dos serviços prestados. O trabalho burocrático, além de promover a insatisfação e sobrecarga, dificulta na forma de organização da atividade inerente à docência.

Em um estudo realizado em outra instituição pública com docentes do curso de enfermagem, com vínculo empregatício do tipo estatutário, D'Oliveira et al (2018) verificaram que a escassez de concursos públicos afeta o quantitativo de profissionais, sobrecarregando os docentes do quadro efetivo que se vêm compelidos a acumular cargos de gestão, funções burocráticas entre outras tarefas. Por sua vez, Amaral, Borges e Juiz (2017) realizaram um estudo de caso com docentes de um *campus* de interior de uma instituição pública federal e destacaram que, além do excesso de atividades, a burocracia é um elemento dificultador na execução das tarefas, uma vez que o *campus* do interior fica dependente da sede para as deliberações da unidade, fragilizando a autonomia da mesma. Em decorrência da inadequação estrutural da instituição e da inexistência de uma rotina diária para cumprir as demandas da semana, os docentes acabam realizando atividades extraclasse, trabalhando, então, os três turnos do dia.

De acordo com a análise de Sanches e Santos (2013), ao observar situações geradoras de estresse em uma instituição privada, identificou que os docentes acumulam uma infinidade de tarefas, corroborando com a polivalência e com a multifuncionalidade, depreendendo-se que tanto no setor público quanto no setor privado, os professores vêm-se sobrecarregados diante de suas responsabilidades inerentes ao magistério. No entanto, este estudo apontou que os professores da rede privada se submetem a longas jornadas por medo de demissão. Por não possuírem exclusividade e vínculo empregatício efetivo, como ocorre com a maioria dos docentes em instituições públicas, a sobrecarga também está atrelada ao acúmulo de outras funções externas.

Segundo Dalagasperina e Monteiro (2016), a combinação de atividades extraclasse, carga horária insuficiente, imposição de tarefas e falta de recompensa financeira faz com que os professores da rede privada se sintam injustiçados. Tal percepção faz com que esses

profissionais do magistério superior sintam raiva e culpa, podendo levá-los à síndrome de *burnout*. Para essas autoras, o produtivismo acadêmico traz consequências negativas tanto para o exercício da docência como para a saúde deste profissional, afetando inclusive os que se dispõem poucas horas à instituição quanto aos que se dedicam integralmente à universidade.

Por outro lado, a prática docente, a pesquisa e a produção científica foram identificadas por Ruza e Silva (2016) e Amaral, Borges e Juiz (2017) como fontes de satisfação profissional e de prazer. A atividade docente prepondera a dimensão intelectual, o que permite ao profissional mobilizar sua capacidade inventiva e criativa em favor do seu labor, uma vez que o resultado do trabalho imaterial representa uma grande relevância social e científica, formando os diferentes sujeitos para atuar em sociedade e produzindo conteúdos de valor científico e tecnológico. Coadunando com essa vivência de prazer na docência, Vilela, Garcia e Vieira (2013) apontam a liberdade na execução das tarefas, a escolha das metodologias e práticas didáticas como possibilidades de amenizar o sofrimento presente nas condições da organização trabalho docente. Para os autores, essa autonomia é percebida como positiva, ainda que seja limitada pelas imposições do ambiente laboral.

Em contrapartida, Vilela, Garcia e Vieira (2013) e Ruza e Silva (2016) observaram que tal autonomia tem sido acompanhada por uma intensificação na produção e publicação científica imputada pela racionalidade produtivista. Nesta perspectiva, Vilela, Garcia e Vieira (2013) e D'Oliveira et al (2018) concordam que, embora a produção intelectual seja fonte de prazer na vivência profissional, o alargamento de publicações científicas têm sido enfatizadas pelas universidades a fim de alcançar metas e viabilizar mais investimentos para pesquisas. Deste modo, os autores corroboram com o que foi notificado por Chauí (2003), de que o alargamento das produções acadêmico-científicas seguindo o imperativo produtivista pode comprometer a qualidade das publicações. Ademais, os professores são avaliados pela quantidade de seus produtos. Frente a isso, Sanches e Santos (2013) observaram que a cobrança desmedida por produções, além de ameaçar a qualidade do trabalho, é um dos fatores que pode desencadear o estresse.

A qualidade de vida do professor também é ameaçada pela intensificação do trabalho mediante às múltiplas funções. No estudo realizado por Araújo et al (2016) com 37 docentes da área da saúde de uma instituição pública federal, os autores observaram que a sobrecarga acadêmica faz com que estes, mesmo sendo profissionais da saúde, não consigam desenvolver práticas saudáveis e de lazer em decorrência da preocupação intensa com o trabalho. As atividades prazerosas são deixadas em segundo plano em detrimento das funções acadêmicas.

Consoante Ruza e Silva (2016), o pouco tempo disponível para o lazer e o convívio social acaba fragilizando a dimensão familiar e social.

A sobrecarga laboral no exercício da docência incide diretamente em outras esferas da vida do trabalhador, afetando os vínculos afetivos e sociais, limitando o tempo para o lazer e para o cuidado à saúde. Embora os professores de instituições públicas e privadas estejam submetidos a um contexto institucional distintos, ambos sofrem as consequências da imposição produtivista, resultando em desgastes físicos e psíquicos.

5.2 Precarização do trabalho docente

O esgotamento profissional e o estresse no trabalho docente podem estar relacionados não somente à sobrecarga laboral, ao excesso de responsabilidades, às atividades burocráticas, às publicações desenfreadas, mas também às condições de precariedade do contexto de trabalho. Neste sentido, Amaral, Borges e Juiz (2017) mencionam que as más condições de trabalho interferem diretamente na qualidade do trabalho docente. Número insuficiente de servidores docentes e técnicos administrativos, falta de estrutura física e de salas de aula, e recursos escassos fazem com que os professores levem trabalhos para realizar em casa, gerando mais sobrecarga. Os autores observaram também que as condições precárias impactam as relações socioprofissionais, pois há disputa de recursos disponíveis. Ademais, os docentes buscam estratégias para amenizar as dificuldades, comprando os materiais com recursos próprios, enquanto outros são críticos e não aceitam que a universidade não se responsabilize pela aquisição dos recursos.

Vilela, Garcia e Vieira (2013) enumeram alguns fatores que tem contribuído para a precarização do trabalho docente. O primeiro é a escassez de concursos públicos, que aumenta o número de contratações temporárias de professores substitutos, situação que têm acontecido com maior frequência. Com o vínculo empregatício instável, esses profissionais são levados a exercerem outras atividades ou atuarem em várias instituições. Vale ressaltar aqui que tal fragilidade empregatícia é percebida também entre docentes de instituições privadas (SANCHES; SANTOS, 2013). A falta de organização sindical é apontada como segundo elemento, uma vez que as pressões institucionais e a insegurança que permeiam o ambiente de trabalho inibem a liberdade de comunicação com as chefias, fazendo com que as formas de expressões sejam comedidas por medo de perder o emprego. Por sua vez, D'Oliveira et al (2018) observaram a presença de dificultadores nos campos de estágios da área da saúde, como

a falta de recursos materiais e tecnológicos, e de estrutura física, fazendo com que o docente sinta-se angustiado por não ter os recursos necessários para a execução de seu trabalho.

A precarização do trabalho no ensino superior pode suscitar efeitos deletérios à saúde do docente. O professor, ao vivenciar um contexto de trabalho precário permeado fortes pressões institucionais, pode incorrer em sentimento de insegurança, insatisfação e angústia, resultando paulatinamente em adoecimento.

5.3 Relações socioprofissionais

A sobrecarga e a precarização não são as únicas dimensões que podem comprometer a saúde docente. Um contexto laboral permeado de conflitos interpessoais pode repercutir negativamente no âmbito da saúde mental. No campo das relações socioprofissionais, observou-se uma percepção heterogênea dessa dimensão. Conforme Ruza e Silva (2016), alguns docentes consideram o ambiente de trabalho agradável e sentem-se reconhecidos; outros queixam-se de conflitos, jogo político, falta de diálogo, competição e excesso de politização. Quanto à relação estabelecida com os alunos, apontam sentir-se valorizados e reconhecidos por eles. Nessa mesma direção, Vilela, Garcia e Vieira (2013) identificaram que, para a maioria dos docentes entrevistados, a relação entre os pares é o principal fator compensatório no binômio prazer-sofrimento, uma vez que o diálogo e respeito mútuo são basilares da boa convivência. No entanto, destacam menor liberdade de expressão com as chefias.

Se, por um lado, o bom relacionamento com os pares é fonte de prazer e de reconhecimento, os conflitos entre os pequenos grupos são fontes de sofrimentos e podem impactar a saúde mental do trabalhador. Conforme Amaral, Borges e Juiz (2017), as reuniões em conselhos deliberativos geram sofrimento, pois os encontros são permeados de discussões agressivas e de rivalidade, enquanto que, o relacionamento com os alunos foi identificado como gratificante. Por outro lado, o estudo de Dalagasperina e Monteiro (2016) revelou a indisciplina dos alunos como geradora de estresse, uma vez que o professor se sente desrespeitado pela falta de interesse pela aula. Quanto à relação institucional, os conflitos são oriundos da falta de autonomia, uma vez que os docentes são submetidos ao posicionamento da chefia em relação aos seus alunos, sem o poder de tomadas de decisões. Este estudo, porém, não evidenciou dificuldades de relacionamento entre os pares. No caso estudado por D'Oliveira et al (2018) as relações de trabalho são vista como positivas e como facilitadoras na execução das tarefas.

O bom relacionamento socioprofissional é condição importante na redução dos níveis

de estresse e para atenuar o sofrimento no contexto laboral, uma vez que a convivência prazerosa proporciona o bem-estar e fortalece os vínculos profissionais. Do contrário, a hostilidade no ambiente de trabalho pode culminar em adoecimento.

5.4 Sintomas e/ou sinais de adoecimentos psíquicos/mentais

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) considera a profissão docente como uma das mais estressantes do mundo, podendo o quadro de estresse ocupacional ser conduzido à sua fase crônica, acarretando a síndrome de *burnout*. Dentre as produções acadêmicas selecionadas, duas investigaram a prevalência do desgaste profissional em professores universitários por meio de instrumentos psicométricos padronizados.

No estudo de Costa et al. (2013), a prevalência do esgotamento profissional mostrou-se semelhante à encontrada na literatura, como nos estudos de Gil-Monte (2011). Os resultados mostraram que 11,2% dos 169 professores entrevistados em instituições do ensino superior (2 públicas e 5 privadas) apresentam um conjunto de sinais vinculados ao estresse laboral, caracterizando um grau moderado de mal-estar; 3% da amostra são considerados casos críticos. Estes resultados podem evidenciar o aparecimento da síndrome após exposição prolongada aos estressores.

Em contrapartida, os resultados obtidos no estudo de Prado et al. (2017) identificaram baixo índice em todas as dimensões da síndrome de *burnout*. Porém, a dimensão de exaustão emocional pontuou um maior escore. Esta dimensão pode ser um aspecto inicial do adoecimento, sendo identificada pela sensação de fadiga. A amostra foi composta por 72 docentes, sendo destes 66 % do gênero masculino e 33,3%, do feminino, em cursos da área de saúde de uma universidade privada. Para os autores, o presente estudo aponta para uma possibilidade de desenvolvimento da doença na população estudada.

Consoante Carlotto (2002), a síndrome de *burnout* no ambiente educacional é um fenômeno complexo e multidimensional, resultante da combinação de fatores individuais, organizacionais e sociais. A interação desses aspectos pode suscitar o adoecimento. Posto isso, os aspectos culturais e organizacionais, ou até mesmo diferenças na seleção das amostras podem apresentar divergências na predição da síndrome de *burnout*, no entanto, ambas sinalizam o risco iminente do surgimento da doença.

No estudo de D'Oliveira et al. (2018) com 16 professores da graduação em Enfermagem de uma instituição pública, verificou-se que a configuração da organização do trabalho

repercuta negativamente sobre a saúde dos professores, uma vez que, devido à sobrecarga, estes têm sensação constante de não conseguirem concluir suas atividades, gerando sofrimento psíquico, cansaço e estresse. Por outro lado, o estudo de Vilela, Garcia e Vieira (2013) com 52 educadores do curso de Pedagogia de uma faculdade pública evidenciou vivências moderadas de sofrimento. Neste estudo, os sinais de desgaste são distúrbios do sono, dores nas pernas, cansaço excessivo e problemas na voz. Segundo os autores, o adoecimento está contido pelas estratégias de compensação para atenuar as exigências do trabalho, buscando a negação do sofrimento e a maximização das vivências de prazer. Dalagasperina e Monteiro (2016) identificaram sintomas de cefaleia, tensão muscular, alterações no humor, sensação de desgaste físico, irritabilidade, sensibilidade emotiva excessiva e diminuição da libido.

Por sua vez, Martins e Honório (2014) realizaram um estudo em uma universidade privada em Minas Gerais com amostra de 129 professores e, verificou-se que, o esgotamento profissional destacou-se como o fator mais crítico de sofrimento no trabalho. Constatou-se também que os docentes com menos de 5 (cinco) anos de atuação sofrem mais pela falta de reconhecimento e estão mais suscetíveis ao sofrimento. Outro estudo realizado por Ferreira et al (2015) com 175 docentes da área de saúde de uma instituição privada, foi observada a prevalência de transtornos mentais comuns. Um dado preocupante é que metade dos docentes com menos de 35 anos estão inclusos na prevalência encontrada, indicando um processo de desgaste acelerado em decorrência das repercussões negativas do trabalho sobre a saúde. Em contrapartida, o caso estudo por Gouveia, Alves e Costa (2013), com 51 professores de uma universidade Federal do Piauí, concluiu-se que apenas 21,6% da amostra estava na fase de resistência do estresse, enquanto 68,6% não se enquadraram em nenhuma fase.

Quanto ao gênero, os estudos apresentaram que as mulheres estão mais propensas ao estresse e ao esgotamento profissional (ARAÚJO et al., 2016; CAMARGO et al., 2013; GOUVEIA, ALVES, COSTA, 2013; HOFFMANN et al., 2017; SANCHES, SANTOS, 2013). Nos estudos de Camargo et al. e de Gouveia, Alves e Costa (2013), o gênero feminino apresentou maiores escores de estresse. O caso estudado por Hoffman (2017) identificou maior sofrimento das mulheres (44%) em relação aos homens, coadunando aos demais estudos. Segundo os autores, as mulheres percebem um impacto maior do sofrimento laboral, com nível grave, enfrentando um maior desgaste profissional. Neste sentido, observou-se que homens e mulheres podem ter vivências diferentes em relação ao mesmo contexto de trabalho. A situação de maiores índices de estresse e de desgaste profissional entre as mulheres pode estar atrelada ao acúmulo de papéis que elas exercem em sociedade, advindos da sobrecarga em relação à

carreira e a vida doméstica e familiar.

Para além, os aspectos da organização do trabalho docente estão interligados, podendo apresentar elementos estressores em uma das dimensões ou de forma concomitante. A exposição prolongada aos estressores podem levar o trabalhador ao adoecimento quando este não consegue mais reconfigurar-se diante do seu trabalho. Apesar do sofrimento gerado pelas demandas de produtividade acadêmica, o trabalho docente tem proporcionado vivências de prazer e de realização profissional, fato este, que, ou pode estar contendo, ou mascarando o adoecimento.

5.5 Estratégias de Enfrentamento

Dentre as 14 produções acadêmicas desta revisão sistemática, duas abordaram a temática estratégias de enfrentamento na saúde docente. Tais estratégias têm importância fundamental como forma de promover saúde dentro do contexto de trabalho. No estudo de Araújo et al. (2016), os participantes destacaram a realização de atividades culturais, religiosas, prática de exercício, relaxamento e a presença da família como forma de superar o estresse.

Por outro lado, Sanches e Santos (2013), utilizaram uma escala de Lazarus e Folkman (1985) constituída de oito fatores (confronto autocontrole, afastamento, suporte social, aceitação de responsabilidade, fuga-esquiva, resolução de problemas e reavaliação positiva), validade no Brasil por Savoia para identificar quais estratégias de enfrentamento (*coping*) os professores utilizavam durante um evento estressor. Dentre as mencionadas, as mais utilizadas foram a de autocontrole, suporte social, resolução de problema e a e avaliação positiva.

As estratégias de enfrentamento possibilitam ao trabalhador que ele utilize suas habilidades cognitivas e comportamentais para minimizar os efeitos dos elementos estressores no contexto laboral. Quando o professor tem conhecimento do problema fica mais fácil buscar estratégias de enfrentamento. Contudo, percebe-se a escassez produções acadêmicas que documentem a respeito de estratégias de intervenção, ou porque inexitem, ou porque não são publicadas. Tal fato aponta para a necessidade de ações dentro do contexto laboral de prevenção de doenças causadas pelo estresse.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema saúde mental e trabalho docente tem suscitado diversos estudos nos últimos anos. Como bem assegura Gradella Júnior (2010), a saúde mental dos professores é um requisito indispensável para que eles executem sua função com excelência, uma vez que a atividade intelectual se efetiva na produção do conhecimento e na formação dos múltiplos sujeitos. Quando os fatores psicossociais presentes no contexto laboral são identificados negativamente pelo trabalhador, estes podem se tornar riscos para a sua saúde mental, causando estresse, esgotamento profissional, ansiedade dentre outros danos.

O presente estudo possibilitou evidenciar a partir da literatura sobre estresse ocupacional e *burnout* quais são manifestações de adoecimento psíquico/mental que têm acometido os docentes de nível superior brasileiros, bem como os fatores geradores de sofrimento e adoecimento no contexto do ambiente universitário. Ademais, permitiu compreender quais as consequências da presença de componentes estressores sobre a saúde do docente.

De modo geral, viu-se que a sobrecarga laboral, a precarização das condições de trabalho e as relações socioprofissionais são os principais fatores geradores de adoecimento, como o estresse e esgotamento profissional, no ambiente acadêmico, e conseqüentemente, afetam as diferentes esferas da vida do trabalhador, fragilizando os vínculos afetivos e sociais, limitando o tempo para o lazer e para o cuidado à saúde. Apesar do sofrimento presente no contexto de trabalho do docente universitário, viu-se que os profissionais conseguem vivenciar experiências de prazer e satisfação pelo trabalho. Todavia, deve-se atentar para tal fato, e observar se as experiências de prazer decorrentes do trabalho intelectual estão minimizando o sofrimento ou se apenas mascarando o adoecimento, uma vez que a síndrome de *burnout* surge mediante o enfrentamento do estresse ocupacional e se instala silenciosa e paulatinamente.

Partindo dos descritores utilizados, chegou-se a publicações sobre vivências de prazer e sofrimento na carreira docente, o que pode inferir que *burnout* e estresse tem sido estudado do ponto de vista de diferentes abordagens da psicologia, e não somente de um ponto de vista epidemiológico. Estudos sobre o estresse ocupacional e a síndrome de *burnout* são predominantemente realizados pelo viés das pesquisas epidemiológicas, que preconizam o uso de instrumentos qualitativos e quantitativos. No entanto, essa revisão sistemática possibilitou o acesso a estudos com enfoque teórico-metodológico na psicodinâmica do trabalho que apontaram o estresse e o esgotamento profissional como manifestações de sofrimento no

trabalho docente. Tal abordagem pode oferecer outros parâmetros para o estudo da síndrome de *burnout* e outras formas de sofrimento psíquico, uma vez que esta perspectiva possibilita a compreensão da organização do trabalho e suas repercussões sobre a saúde do trabalhador, além de oferecer instrumentos próprios de investigação.

Ademais, observou-se que nas produções acadêmicas com enfoque na psicodinâmica do trabalho têm identificado que as vivências de sofrimento laboral culminam em adoecimentos, apontando para o cansaço, esgotamento físico e mental e o estresse como principais manifestações. Embora essa abordagem priorize a normalidade sobre a patologia, os estudos apresentaram valiosas contribuições na interlocução entre trabalho e saúde mental do docente.

Como limitação deste estudo, destaca-se a restrição de tempo para apreciar e revisar um número maior de títulos, tendo em vista a disponibilidade de artigos publicados nas últimas duas décadas (1999 a 2018) sobre estresse e síndrome de *burnout* em profissionais docentes dos diversos níveis de ensino. Entretanto, vê-se nisso uma oportunidade para novos estudos, objetivando ampliar o recorte temporal e, conseqüentemente, a amostra de artigos para se ter um panorama mais abrangente das publicações sobre adoecimento mental de docentes.

O presente estudo apresentou outras limitações, uma vez que se utilizou somente os descritores “*burnout* AND docentes”, “*burnout* AND professores”, “estresse AND docentes” e “estresse AND professores”; para o mapeamento dos periódicos foram utilizadas apenas duas bases de dados indexadas; A escolha metodológica utilizada pode ter deixado de lado alguns estudos que não se enquadravam na proposta.

Ademais, recomenda-se ainda como trabalhos futuros: a); usar outros descritores, buscando identificar fatores, sinais e sintomas de adoecimento em profissionais docentes convergentes ou divergentes aos relatados neste estudo; b) ampliar as buscas em outras bases de dados (PubMed, PePSIC, IIndex Psi Periódicos etc.) incluindo periódicos em língua inglesa, pela disponibilidade e diversidade de estudos de caráter nacional e internacional, podendo comparar os resultados entre diferentes nacionalidades; c) estudar a saúde mental de docentes, de nível superior ou dos demais níveis de ensino, à luz da abordagem da psicodinâmica do trabalho, tendo em vista a incidência de artigos sobre esta temática que retornou ao buscar nas bases publicações sobre estresse e síndrome de *burnout*.

Espera-se que este estudo possa contribuir para dar visibilidade ao tema, a fim de propiciar novas investigações e direcionar a implementação de ações de promoção de saúde no ambiente laboral, como, por exemplo, criar espaços de apoio e escuta ao trabalhador docente.

REFERÊNCIAS

AMARAL, G. A.; BORGES, A. L.; JUIZ, A. P. M. Organização do trabalho, prazer e sofrimento de docentes públicos federais. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 15-28, 2017.

ARAÚJO et al. Estresse no cotidiano universitário: estratégias de enfrentamento de docentes da saúde. **Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 4956-4964, 2016

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior no Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, 2007.

CAMARGO et al. Estresse percebido, comportamentos relacionados à saúde e condições de trabalho de professores universitários. **Psicologia Argumento**. Curitiba, v. 31, n. 75, p. 589-597, 2013.

CARDOSO, H. F.; BAPTISTA, M. K.; SOUSA, D. F. A.; JÚNIOR, E.G. Síndrome de burnout: análise da literatura nacional entre 2006 e 2015. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**. Brasília, v. 17, n. 2, p. 121-128, 2017.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Análise fatorial dos *Maslach Burnout Inventory* (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 9, n. 3, p.499-505, 2004.

_____. Análise de produção científica sobre a síndrome de burnout no Brasil. **Psico**, v. 39, n. 2, p. 152-158, 2008.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, 2003.

CODO, W.; SORATTO, L.; VASQUES-MENESES, I. Saúde mental e trabalho. In: ZANELLI, J.C. BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B.; **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004. Cap. 8, p. 267-299

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é *burnout*? In: CODO, W. (Coord.). **Educação, carinho e trabalho**. São Paulo: Vozes, 1999.

COSTA et al. Prevalência da síndrome de *burnout* em uma amostra de professores universitários brasileiros. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 636-642, 2013.

COSTA, T. A. S.; ALVES, A. B.; GOUVEIA, S. S. V. Análise do nível de estresse e dos fatores de risco de doença cardiovascular em professores da Universidade Federal do Piauí – campus Parnaíba. **Revista Baiana de Saúde Pública**, [S.l.], v. 37, n. 4, p. 979-990, 2014.

D'OLIVEIRA et al. Trabalho docente de enfermagem e as repercussões no processo saúde-doença. **Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 196-202, 2018

DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J. K. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado. **Revista Subjetividades**. Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 36-51, 2016.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DIEHL, L.; MARIN, A.H. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, 2016.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2001.p 298.

FERREIRA, R. C. et al. Transtorno mental e estressores no trabalho entre professores universitários da área da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-155, 2015.

GARCIA, L. P.; BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. **Investigando Burnout em professores universitários**. Revista Eletrônica InterAção Psy .ano 1. Agosto 2003 –p. 76-89

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Psicodinâmica do Trabalho no Brasil: Revisão Sistemática da Literatura. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 803-814, 2015.

GRADELLA JÚNIOR, O. Sofrimento psíquico e trabalho intelectual. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho** São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-148, 2010.

HELOANI, J. R.; CAPITÃO, C. G. **Saúde mental e psicologia do trabalho**. São Paulo Perspectiva. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 102-108, 2003.

HOFFMANN et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério Superior. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 31, n. 91, p. 257-276, 2017.

INSTITUTO Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico: Censo da Educação Superior 2015**. 2. ed. Brasília: 2018

INTERNATIONAL Labour Organization. **Psychosocial risks and work-related stress**. Geneva, [2015]. Disponível em: <https://www.ilo.org/safework/areasofwork/workplace-health-promotion-and-well-being/WCMS_108557/lang--en/index.htm>. Acessado em: 10 nov. 2018.

JACQUES, M.G.C. Abordagens teóricas-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 97-116, 2003.

JUNIOR, E. G. et al. Trabalho e estresse: identificação do estresse e dos estressores ocupacionais em trabalhadores de uma unidade administrativa de uma Instituição Pública de Ensino Superior (IES). **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**,

Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 01-17, 2014.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. Estresse, aspectos históricos, teóricos e clínicos. In RANGE, B. (Org). **Psicoterapias cognitivo-comportamental um diálogo com a psiquiatria**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2011. p. 617-632.

MANCEBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 74-80, 2007.

MARTINS, A. A. V.; HONÓRIO, L. C.. Prazer e sofrimento docente em uma instituição de ensino superior privada em Minas Gerais. **Organizações & Sociedade**. Salvador, v. 21, n. 68, p. 835-851, 2014.

MASLACH, C. LEITER, M.P. Take this job and ...love it. **Psychology Today**, v. 32, p. 50-57, 1999.

MASSA, L. et al. Síndrome de Burnout em professores universitários. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v. 27, n. 2, p. 180-189, 2016.

MIGUEZ, V. A; BRAGA, J. R. M. Estresse, Síndrome de *Burnout* e suas implicações na saúde docente. **Revista Thema**. Cruz das Almas, v. 15, n. 2, p. 704-716, 2018.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Validação da escala de estresse no trabalho. **Estudos de Psicologia (Natal)**. Natal, v. 9, n. 1, p. 45-52, 2004.

PRADO et al. Avaliação da síndrome de burnout em professores universitários. **Revista da ABENO**. Londrina, v. 17, n. 3, 21-29, 2017.

REINHOLD, H. H. **O sentido da vida: prevenção do stress e burnout em professores**. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 2004

ROCHA, I. S. et al. Estresse Ocupacional na docência: Revisão de literatura. **Id on Line: Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. Jaboatão dos Guararapes, v. 10, n. 30, p. 282-301, 2016.

RUZA, F. M.; SILVA, E. P. As transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso? **Revista Subjetividades**. Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 91-103, 2016

SAMPAIO, R. F; MANCINI, M. C; Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista brasileira de fisioterapia**. São Carlos, v. 11, p. 83-89, 2007.

SANCHES, E. N. SANTOS, J. D. F. Estresse em docentes universitários da saúde: situações geradoras, sintomas e estratégias de enfrentamento. **Psicologia Argumento**. Curitiba, v. 31, n. 75, p. 615-626, 2013.

SOUSA. J. C.; AMARAL, I.G. **Síndrome de burnout em servidores públicos federais**. In: XXXIV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. Curitiba, PR, outubro, 2014.

SOUZA, R. K. et al. A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 3667-3676, 2017.

TAMAYO, M. R.; TRÓCCOLI, B. T. Validação da Escala de Estresse no Trabalho. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 9, n. 1, p. 45-52, 2004.

VILELA, E.F; GARCIA, F. C; VIEIRA, A. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **REAd: Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 517-540, 2013.